

Ana Paula Guimarães Almeida

EXPERIÊNCIAS DE UMA “PROFESSORA REFERÊNCIA” NO ENSINO DE
EDUCAÇÃO FÍSICA: Um estudo de caso etnográfico

Belo Horizonte
Universidade Federal de Minas Gerais
2011

Ana Paula Guimarães Almeida

EXPERIÊNCIAS DE UMA “PROFESSORA REFERÊNCIA” NO ENSINO DE
EDUCAÇÃO FÍSICA: Um estudo de caso etnográfico

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Tarcísio Mauro Vago

Belo Horizonte
Universidade Federal de Minas Gerais
2011

Agradecimentos

Agradeço a Deus pela vida e saúde e por me dar forças, quando precisei.

Ao meu pai, carinhosamente, que mesmo tendo partido antes do início dessa jornada, sempre esteve presente em meu coração.

À minha mãe, pelo amor incondicional, pela dedicação, ensinamentos e apoio em todos os momentos da minha vida.

Ao Renato, pelo amor, apoio, companheirismo e principalmente pela paciência e compreensão nos momentos mais difíceis.

Aos meus irmãos Alda, Reis, Isabel, Guina, Cristiane e Paulo, por acreditarem em mim e por me ajudarem sempre que precisei. E, de modo especial à Cristina, pelo carinho e apoio constante, e à Eliana, por ter sido minha primeira professora, se tornando um exemplo para mim.

A todos os meus sobrinhos, por proporcionarem tantos momentos de alegria.

A todos os meus amigos pelos momentos de descontração, especialmente à Janice e a Meirielle.

Aos meus amigos do TIME: Alexandre, Bruno, Fernanda Érica, Juliana e Tassiana, pela amizade compartilhada durante esses quatro anos, tornando mais leve essa caminhada e, especialmente à Ludmila, por ter me acompanhado na Licenciatura, compartilhando momentos de alegria em meio a tantos textos e trabalhos.

Às meninas da Moradia pela amizade e companheirismo em todos esses anos de convivência, de modo especial à Ju, Laura e Cláudia.

À professora, às crianças e a toda a equipe da escola pesquisada, pela acolhida, disponibilidade e atenção.

Aos amigos do CEMEF pela orientação, amizade e pelas valiosas contribuições proporcionadas nas discussões do grupo.

Aos amigos do GEFUT e do PET pelos curtos, mas valiosos e descontraídos momentos de formação.

À Fabiana e às alunas da GR do Magnum, pela amizade compartilhada e pela oportunidade única de aprendizado.

A cada um dos professores da EEFFTO e da FAE, de modo especial, à Andréa, ao José Alfredo e ao Sílvia, pelo jeito atencioso com que sempre me trataram.

A Meily, por ter me ensinado a trilhar o caminho do mundo acadêmico, na Iniciação Científica.

Ao Tatá, meu orientador querido e sempre tão atencioso, pela paciência, compromisso e por ter me ensinado a gostar ainda mais da Educação Física.

Enfim, a todos e todas que contribuíram, seja com uma palavra, com um gesto, ou com um ombro, na conclusão de mais essa etapa da minha vida: Muito obrigada!

RESUMO

Esta pesquisa busca ampliar as compreensões acerca do significado do ensino de Educação Física como disciplina curricular no primeiro ciclo do Ensino Fundamental de uma escola da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte (RME/BH), que apresenta cerca de 180 escolas. O interesse pela investigação do tema surgiu em uma discussão em sala de aula, quando tomei conhecimento de que nessas escolas quem ministra a disciplina Educação Física, no primeiro e segundo ciclos do Ensino Fundamental, são professores sem formação específica nessa área de conhecimento. Dessa maneira, surgiu a curiosidade em saber como são organizadas e desenvolvidas as aulas de Educação Física pelos chamados “Professores Referência”. Como percurso metodológico foi escolhido o estudo de caso do tipo etnográfico, por acreditar que esse tipo de estudo confere uma relação direta entre o pesquisador e a situação a ser pesquisada. Esse estudo de caso foi possível a partir da observação de aulas de Educação Física. Pretendi fazer alguns apontamentos sobre a prática que observei na EMBH, buscando promover reflexões que possam ampliar os debates já existentes acerca do tema, bem como proporcionar novos questionamentos. Para esse movimento reflexivo foi necessário certo distanciamento de uma idealização do ensino de Educação Física e abrir espaço para a compreensão dessa prática como um fenômeno social, tendo em vista que o objeto de estudo é a Educação Física que de fato acontece naquela escola. Ao final da pesquisa foi possível fazer alguns apontamentos acerca da prática que foi observada. A prática docente em Educação Física da professora referência em questão se mostrou interessante, embora ela não tenha formação acadêmica específica na área. Entretanto, percebeu-se uma repetição no conteúdo didático abordado durante as observações realizadas. Um repertório de conteúdos mais amplo talvez possibilitasse uma maior qualificação em sua docência. Acredito que este trabalho permitiu ampliar a compreensão acerca das práticas docentes em Educação Física que vêm sendo realizadas por professores sem formação superior nessa área.

Palavras-chave: Educação Física Escolar. Ensino de Educação Física. “Professor Referência”.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	7
CAPÍTULO 1 – Concepções de Educação e Educação Física Escolar	11
A Educação Física nos PCNs	12
A Educação e a Educação Física na LDB/EN	17
Proposições Curriculares da RME/BH	22
CAPÍTULO 2 – A Educação Física “entre os muros” da Escola Municipal Belo Horizonte	25
Conhecendo o Espaço Escolar da EMBH	26
A Educação Física na EMBH	28
Projetos Inseridos na EMBH	30
CAPÍTULO 3 – Organização e Desenvolvimento das Aulas de Educação Física na EMBH	33
Primeira aula observada – 23/02	33
Segunda aula observada – 25/02	36
Quarta aula observada - 02/03	38
Oitava aula observada - 16/03	39
Nona aula observada - 18/03	40
Décima aula observada - 21/03	41
Décima segunda aula observada - 25/03	42
Décima terceira aula observada – 28/03	42
Reflexões possíveis a partir da experiência observada	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	47
APÊNDICE	49
Fotografias da EMBH	50

APRESENTAÇÃO

Este estudo busca ampliar as compreensões acerca do significado do ensino de Educação Física como disciplina curricular no primeiro ciclo do Ensino Fundamental de uma escola da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte (RME/BH), que apresenta cerca de 180 escolas. O interesse pela investigação desse tema surgiu em uma discussão em sala de aula durante a disciplina “Análise da Prática e Estágio em Educação Física I”, no 6º período do curso de Licenciatura em Educação Física, que ora concluo.

Nessa discussão, tomei conhecimento de que as escolas municipais de Belo Horizonte apresentam a Educação Física como disciplina curricular obrigatória, no entanto não possuem professores com formação específica nessa disciplina para atuarem no primeiro e segundo ciclos do Ensino Fundamental. Dessa forma, surgiu a curiosidade em saber como são organizadas e desenvolvidas as aulas de Educação Física pelos chamados “Professores Referência”, que é o termo aplicado pela Secretaria Municipal de Educação (SMED/BH) aos professores que são responsáveis pela alfabetização ao longo do primeiro e segundo ciclos do Ensino Fundamental.

Com formação básica em Pedagogia ou Normal Superior, determinada pela Lei 9.394/96, esses professores, em sua grande maioria do gênero feminino, ficam responsáveis apenas por uma turma e como regra são eles quem ministram todas as disciplinas dos anos iniciais do Ensino Fundamental, inclusive Educação Física. A despeito desse modo geral de organização utilizado na RME/BH, a Escola Municipal Belo Horizonte (EMBH)¹, onde foram realizadas as observações para este estudo, apresenta uma organização diferenciada que será analisada mais adiante.

O que se pretende neste trabalho é discutir a presença da disciplina Educação Física no primeiro ciclo e suas condições de ensino em uma escola pública da rede municipal de Belo Horizonte. Diante disso, é importante expor que, de acordo com Valter Bracht (1999), para se fazer esse movimento reflexivo é necessário nos

¹ O nome da escola e de todas as pessoas citados nesta monografia são fictícios, na intenção de resguardar tanto a escola quanto os sujeitos que contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa.

afastar da idealização do ensino de Educação Física e abrir espaço para compreender essa prática como um fenômeno social, tendo em vista que o objeto de estudo em questão é a Educação Física que de fato acontece nessa escola (VAGO, 1993).

Para a realização da pesquisa, foram analisados a Lei 9394/96, mais conhecida como Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/EN) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), documentos oficiais do Governo que regulamentam a educação nacional em todos os âmbitos. Busquei compreender como tais documentos tratam o ensino da Educação Física escolar. Além disso, procurei entender como o ensino de Educação Física foi proposto nas Proposições Curriculares para o primeiro ciclo da RME/BH, documento elaborado por professores em exercício profissional. A análise desses três documentos foi necessária para compreendermos como a Educação Física é administrada pelos órgãos responsáveis pela educação pública municipal, possibilitando uma relação entre a teoria neles apresentada e a prática observada nas aulas.

Assim, esta monografia se estrutura da seguinte maneira:

O primeiro capítulo, que chamei de *Concepções da Educação e da Educação Física Escolar*, aborda (1) a Legislação existente para a Educação Física nos anos iniciais, com base na LDB e nos PCNs; e (2) a compreensão que se tem de Educação Física nas Proposições Curriculares para o primeiro ciclo da RME/BH. Busquei, então, as compreensões legais acerca da Educação Física para esse segmento da educação básica.

O segundo capítulo, denominado *A Educação Física “entre os muros” da EMBH*, trata especificamente do campo de pesquisa e suas caracterizações físicas. Busquei conhecer a história da escola e como ela se organiza; como são elaboradas as propostas de ensino de seus professores; quais os programas educacionais que estão inseridos ali; os usos que são feitos de seus espaços para as aulas de Educação Física; bem como os usos de outros espaços que são explorados pelas crianças no que concerne à realização de movimentos corporais fora das aulas de Educação Física.

Nesta segunda parte, então, abordamos (1) o espaço físico da EMBH; (2) a Educação Física neste espaço e como a cultura corporal, expressa pelo Coletivo de Autores (1992) como seu objeto de estudo, se faz presente na escola; e (3) quais os projetos e programas inseridos nesta escola.

O terceiro capítulo, denominado *Organização e Desenvolvimento das Aulas de Educação Física na EMBH*, trata da presença da Educação Física nesta escola a partir das observações realizadas durante o período de pesquisa de campo. Nesta terceira parte, descrevi algumas aulas que foram observadas buscando trazer reflexões sobre a prática docente em questão: os conteúdos ministrados; a metodologia de ensino utilizada; as reflexões sobre a separação por gênero durante algumas atividades; dentre outros pontos.

Na parte final deste trabalho, fiz alguns apontamentos sobre a prática docente em Educação Física que se observou nessa escola municipal. Não pretendemos exaurir as questões propostas, muito menos indicar uma única maneira de se trabalhar os conteúdos da Educação Física no primeiro ciclo. O que buscamos sim, é possibilitar reflexões acerca desse fazer docente que possam servir para a ampliação dos debates acerca desses assuntos.

A partir dessa estruturação, tentei promover uma reflexão acerca da prática de ensino de Educação Física de Renata com base na observação de suas aulas, ministradas ao longo do 1º semestre letivo de 2011 e com base também em conversas informais permitidas ao longo das visitas na escola. Busquei conhecer, a partir desses diálogos e observações, sua visão quanto às aulas de Educação Física que ela desenvolve.

Para efetuar a escolha dessa escola levei em consideração sua relação com a comunidade na qual está inserida, o que confere uma importância social ao papel de seus professores. Nesse sentido, a EMBH supriu as expectativas, especialmente no que se refere à relação escola-comunidade. É importante ressaltar que em minhas ponderações considerei as características peculiares da escola dentro de um tempo e espaço específicos.

A pesquisa de cunho etnográfico foi escolhida como metodologia para este trabalho por acreditar que esse tipo de estudo confere uma relação direta entre o

pesquisador e a situação pesquisada, o que, conforme Marli André (2008), permite a reconstrução de “processos e relações que configuram a experiência escolar diária”.

Além disso, o estudo de caso do tipo etnográfico possibilita um olhar aprofundado sobre o particular sem desconsiderar suas interrelações com o todo. Isso se assemelha ao que Jacques Revel (1998) chama de Jogos de Escalas, que permitem mudanças na escala de observação dos eventos ocorridos possibilitando ao pesquisador reconhecer seu papel de escolha na realidade, escolha do objeto e do método de estudo dentre as opções existentes. A preferência por esse tipo de estudo foi importante para conhecer o ambiente escolar, que, de acordo com Marli André (2008), se traduz como um “espaço social (...) onde se criam e recriam conhecimentos, valores, significados” a serem considerados na análise de uma prática docente.

Para compreender como se estabelece essa prática docente, foi observado, como mencionado anteriormente, o exercício da professora Renata, no 1º e 2º anos do primeiro ciclo buscando responder a algumas questões postas a partir de leituras realizadas anteriormente à visita à escola: Qual o seu entendimento de Educação Física?; Como se dá sua prática cotidiana no que se refere ao ensino dessa disciplina escolar?; Como você vê sua contribuição para o desenvolvimento social da criança a partir da Educação Física? Essas foram algumas questões para nortear as reflexões acerca da prática de ensino de Educação Física dessa professora nessa escola específica.

Além de registros das observações das aulas, houve também diálogos com Renata. Foram observadas, ainda, as relações que ocorriam nos horários de intervalo e saída das crianças na escola, por entender que esses momentos se configuram também como um período em que ocorrem relações entre as crianças e funcionários/professores que são pertinentes à reflexão sobre Educação Física.

Busco com esse trabalho ampliar as compreensões acerca do ensino de Educação Física no primeiro ciclo, um dos períodos mais importantes para a formação cultural e social da criança. Assim, possibilita-se uma reflexão sobre o ensino de Educação Física nesse segmento escolar, podendo apontar motivações para qualificar as práticas que vêm sendo realizadas.

CAPÍTULO 1

Concepções de Educação e Educação Física Escolar

Muitas vezes, quando falamos em Educação pensamos, quase que de forma imediata, no ambiente escolar. No entanto, nos apropriamos da concepção de que este é um processo que ultrapassa a escola e que, de acordo com Luckesi (2001), se traduz em um “típico ‘que-fazer’ humano”. Em todos os ambientes marcados pelas relações humanas (em casa, na rua, na igreja, no trabalho, na escola, etc.) passamos por experiências de ensinar e de aprender.

Pensando nisso, recorremos a Paulo Freire (1978) que afirma que o diálogo é essencial para a educação: “sem ele não há comunicação e sem esta não há verdadeira educação”. O autor afirma ainda que em todo processo educativo deve haver algumas características ou condições, que permitem que a relação interpessoal e, conseqüentemente, os atos de ensino e aprendizagem aconteçam: amor, humildade, confiança, esperança e pensamento crítico. Compreendemos que estes se configuram como princípios norteadores necessários para qualquer processo educativo, e são, de acordo com Paulo Freire, essenciais para haver o diálogo.

Acreditamos que o processo de ensino-aprendizagem deve ocorrer como uma via de mão dupla. Assim, nessa concepção não cabe a ideia de que o professor ensina e o aluno aprende. Há, sim, sujeitos envolvidos e que serão transformados de alguma maneira por meio do produto gerado a partir da relação ali estabelecida.

Contudo, como propõe Gallardo (2003), o professor deve adotar uma “postura didática” podendo viabilizar as trocas entre a cultura corporal entendida por ele e a cultura corporal própria do aluno, sendo fundamental considerar as experiências e vivências anteriores desse aluno.

Tal concepção de Educação reflete-se na concepção de Educação Física e no papel que ela possui na escola. De acordo com Duprat e Bortoleto (2007, p.176),

“[...] a educação física escolar fica responsável pelo espaço de ‘vivência’, tendo como objetivo central colocar os alunos em contato com a cultura corporal. O interesse pedagógico não está centralizado no domínio técnico

dos conteúdos, mas sim no domínio conceitual deles, dentro de um espaço humano de convivência, no qual possam ser vivenciados aqueles valores humanos que aumentem os graus de confiança e de respeito entre os integrantes do grupo.”

Consideramos, assim, que o objeto de ensino da Educação Física é a cultura corporal de movimento e seu objetivo é a melhoria, em termos qualitativos, das práticas que constituem essa cultura. Dessa forma, surge a necessidade de superar o conceito de Educação Física como mera atividade recreativa “para tirar os alunos da sala de aula” e reconhecê-la como portadora de um saber específico e importante para a vida dos alunos.

Compreendemos que a Educação Física, além de tratar pedagogicamente as práticas corporais produzidas historicamente e culturalmente em nossa sociedade, tem a prerrogativa de possibilitar aos alunos a análise crítica dessas práticas corporais disponíveis para que possam agir com autonomia ao entrarem em contato com elas.

Para refletir mais acerca dessas concepções apresentarei a seguir três documentos oficiais que regulamentam a educação básica no âmbito escolar. São eles: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/EN); os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs); e as Proposições Curriculares da RME/BH. Tentarei abordar as compreensões que tais documentos apresentam sobre Educação Física escolar.

A Educação e a Educação Física na LDB/EN

A Lei 9.394 é uma lei relativamente recente, instituída em dezembro de 1996. Ela estabelece as diretrizes e bases para a educação nacional. Tento expor, neste tópico, as concepções de Educação e, mais especificamente, de Educação Física, que esse documento apresenta.

Apesar de saber que, como toda lei, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/EN) está longe de ser a forma ideal do que precisamos para dar continuidade à reforma educacional iniciada na década de 1990 – já que nem tudo o que ela traz foi implantado, e ela não traz tudo o que precisamos implantar –, é possível afirmar que são incontáveis as variáveis que afetaram o processo educativo

após a criação dessa lei. E pode ser avaliado como um progresso o fato de, no Brasil, existir uma lei específica para a educação que, mesmo com problemas, aponta um nível mínimo de organização para a educação, em âmbito nacional.

No que se refere à concepção de educação, o artigo 1º dessa lei afirma que

“[...] a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.”

Este é um conceito bastante amplo e que leva em consideração o contexto no qual o indivíduo está inserido. Essa concepção de educação parece respeitar as relações que se dão para além do ambiente escolar, o que permite entender que a formação do indivíduo está intrínseca às suas relações fora da escola.

Tendo explicitado o conceito de educação que aparece na LDB/EN, senti a necessidade de explicar também o conceito de *educação básica*. De acordo com o artigo 22º desta lei, “a educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.” A educação básica compreende, então, a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Nessa Lei podemos observar que há ainda diferentes artigos específicos que tratam dos outros segmentos da educação: a Educação de Jovens e Adultos (EJA), a Educação Profissional, a Educação Superior e a Educação Especial.

Para este estudo exploro apenas em um dos segmentos: o Ensino Fundamental. Sobre a regulamentação desse nível de ensino o artigo 32º afirma que

“[...] o ensino fundamental, com duração mínima de oito anos, obrigatório e gratuito na escola pública, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante: I - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo; II - a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade; III - o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores; IV - o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.”

Como se pode ver, não há nenhum tópico neste artigo que diz da importância do objeto de ensino da Educação Física para a formação do aluno. Essa brecha na lei permite que se compreenda esse componente curricular, considerado obrigatório por essa mesma lei no seu artigo 26º, como algo dispensável na *formação básica do cidadão*. Sendo assim, a Educação Física entra na escola como um componente curricular obrigatório, mas sem que seja considerada sua importância social. É importante dizer isso para que se tenha consciência do lugar que ocupa a Educação Física no maior segmento da educação básica, de acordo com a única Lei que rege a educação no país.

O artigo 26º desta lei afirma a obrigatoriedade em se ter um currículo comum para o ensino fundamental e médio nos sistemas de ensino e nos diversos estabelecimentos escolares do país, sejam eles públicos ou privados. É importante ressaltar que o artigo deixa claro que isso deve ser cumprido dentro das limitações impostas pelas “características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela”. Ou seja, há uma preocupação com o nivelamento entre os currículos escolares, no entanto sem esquecer dos contextos sociais aos quais cada escola e conseqüentemente, cada aluno, professor e funcionário desta escola, estão inseridos.

O terceiro parágrafo deste mesmo artigo 26º afirma que “a educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e as condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos.” O fato de se considerar a Educação Física como um componente curricular é um grande salto para a área, já que com isso considera-se que a Educação Física apresenta conteúdos a serem ensinados e aprendidos. No entanto, quando não se coloca na lei a importância de se ensinar e se aprender tais conteúdos, esse componente pode ser negligenciado e pode vir a ser compreendido apenas como área de lazer dentro da escola, tanto pelos alunos como pelos professores.

Considero necessário, então, que essa lei seja qualificada, respaldando a importância social desse componente curricular. Porque ele deve ser obrigatório? Talvez essa seja a pergunta que devemos nos fazer. Sendo assim, é imprescindível que os professores, ao assumirem um compromisso com o ensino da Educação

Física, conheçam essa lei e tenham consciência das lacunas existentes, para que sejam capazes de defender seu objeto de trabalho.

Com relação à formação de professores para atuarem na Educação Básica, a LDB /EN define, em seu artigo 62º, que

“[...] a formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, **como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal.**” [grifo meu].

Sendo assim, para atuar nos quatro primeiros anos do Ensino Fundamental, segundo a LDB/EN, o professor precisa ter formação em Pedagogia ou Normal Superior, não sendo exigida sua formação superior em Licenciaturas específicas, como Educação Física e Artes, por exemplo. Não considero aqui que a não formação do professor desqualifique diretamente sua atuação profissional nessa área, já que acredito no movimento individual de formação continuada desses professores para qualificar sua formação para atuarem nessas áreas específicas. No entanto, não creio que o professor deva ser o único responsável por sua formação para atuar em determinada área. O processo de formação continuada deveria ser apenas para ampliar e atualizar os conhecimentos desenvolvidos na formação inicial.

No que condiz aos conteúdos curriculares, a presente lei traz em seu artigo 27º algumas diretrizes que devem ser levadas em consideração no momento de escolha desses conteúdos:

“I - a difusão de valores fundamentais ao interesse social, aos direitos e deveres dos cidadãos, de respeito ao bem comum e a ordem democrática; II - consideração das condições de escolaridade dos alunos em cada estabelecimento; III - orientação para o trabalho; IV - promoção do desporto educacional e apoio às práticas desportivas não-formais.”

É importante ressaltar que tais diretrizes devem ser consideradas para o trabalho em *todas* as disciplinas escolares e, também, que elas não são o único ponto de apoio para o trato com os conteúdos a serem ministrados nessas disciplinas. É importante que se tome conhecimento disso, pois ao ler cada uma dessas diretrizes somos

levados, quase que instantaneamente, a direcionar qual disciplina irá ministrar tal conteúdo.

No que concerne à organização e gerência da educação, ressalto que a escola que se observou para a realização deste estudo é regida pelo município, dessa forma é relevante que se compreenda quais são as obrigações deste quanto à regulamentação da educação no ensino fundamental. Assim sendo, cabe aos municípios, de acordo com o artigo 11º desta Lei:

“I - organizar, manter e desenvolver os órgãos e instituições oficiais dos seus sistemas de ensino, integrando-os às políticas e planos educacionais da União e dos Estados; II - exercer ação redistributiva em relação às suas escolas; III - baixar normas complementares para o seu sistema de ensino; IV - autorizar, credenciar e supervisionar os estabelecimentos do seu sistema de ensino; V - oferecer a educação infantil em creches e pré-escolas, e, com prioridade, o ensino fundamental, permitida a atuação em outros níveis de ensino somente quando estiverem atendidas plenamente as necessidades de sua área de competência e com recursos acima dos percentuais mínimos vinculados pela Constituição Federal à manutenção e desenvolvimento do ensino. Parágrafo único. Os Municípios poderão optar, ainda, por se integrar ao sistema estadual de ensino ou compor com ele um sistema único de educação básica.”

É possível perceber que os municípios são os responsáveis pela gestão e manutenção do Ensino Fundamental. Em Belo Horizonte há, como em diversos outros municípios brasileiros, uma Secretaria de Educação específica para dirigir esse campo da educação, a Secretaria Municipal de Educação – SMED. Essa secretaria é a responsável por todas as diretrizes no que se refere ao cumprimento dessa lei dentro do município. Cabe a essa secretaria o papel de mediar a relação escola-prefeitura. Sendo assim, as questões escolares em âmbito municipal são resolvidas por meio da interveniência dessa secretaria.

Tendo compreendido as concepções de Educação e de Educação Física na LDB/EN, tratarei, a seguir, do segundo documento oficial que regulamenta a educação no nosso país: os Parâmetros Curriculares Nacionais.

A Educação Física nos PCNs

Em 1997, o Ministério da Educação e do Desporto, por meio da então Secretaria da Educação Fundamental, convidou um grupo de professores e pesquisadores a elaborarem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Esse documento tem como objetivo subsidiar o fazer docente, numa tentativa de possibilitar uma padronização curricular do sistema educacional brasileiro.

Busquei assim conhecer as concepções de Educação Física contidas neste documento. Detenho-me aqui apenas na proposta de Educação Física para o primeiro ciclo, já que este foi o período escolhido para o desenvolvimento desta pesquisa.

É necessário compreender qual é a importância da Educação Física nos anos iniciais do Ensino Fundamental, de acordo com este documento. Sendo assim, para os PCNs,

“[...] o trabalho de Educação Física nas séries iniciais do ensino fundamental é importante, pois possibilita aos alunos terem, desde cedo, a oportunidade de desenvolver habilidades corporais e de participar de atividades culturais, como jogos, esportes, lutas, ginásticas e danças, com finalidades de lazer, expressão de sentimentos, afetos e emoções.”
(BRASIL, 1997 p.15)

Para além disso, considero que as crianças devem compreender a cultura corporal de movimento como algo amplo, que possa ser sentido e vivenciado, já que acredito que apreendemos muito mais determinado gesto ou movimento corporal quando o experimentamos. A meu ver, a Educação Física possibilita esse experimentar com o corpo, promovendo uma ampliação da linguagem corporal da criança, que lhe permite construir interiormente o seu mundo (DEBORTOLI, 2004).

Há nesse documento uma tentativa de democratizar e humanizar a prática pedagógica em Educação Física. A proposta segue no sentido de ampliar a visão apenas biológica que se tem dessa disciplina curricular para uma dimensão mais afetiva e sociocultural, na qual o aluno seja capaz de aprender e conhecer por meio da vivência corporal. Com essa proposta, busca-se então, possibilitar ao aluno uma

experiência em Educação Física que não acentue a sensação de incompetência ou falta de jeito, mas que ele possa compreender suas limitações.

Os PCNs apontam, dessa maneira, uma série de objetivos e conteúdos possíveis de serem trabalhados nos anos iniciais do Ensino Fundamental, bem como critérios de avaliação para esta etapa. Não é esperado que os professores utilizem dessa proposta como uma “camisa de força”, mas que encontrem nela um auxílio para qualificar sua prática docente a cada dia. Dessa forma, os conteúdos não se constituem como atividades isoladas, mas sim como possíveis de serem abordados pelos professores e professoras ao longo de seu planejamento anual, com a liberdade que cada um possui.

São apresentados, no início do documento, alguns objetivos para o Ensino Fundamental. Dentre eles, destaco a seguir o único que diz respeito diretamente à prática de Educação Física:

“[...] utilizar as diferentes linguagens — verbal, matemática, gráfica, plástica e corporal — como meio para produzir, expressar e comunicar suas idéias, interpretar e usufruir as produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação.”

A partir disso fica claro que a proposta dos PCNs entende a Educação Física escolar como uma cultura corporal, abordando “os conteúdos da Educação Física como expressão de produções culturais, como conhecimentos historicamente acumulados e socialmente transmitidos” (p. 22).

Considero importante compreender esse conceito de cultura corporal adotado. Tal conceito é bastante complexo e amplo, sendo compreendido aqui como “inúmeros conhecimentos e representações que se transformaram ao longo do tempo, tendo ressignificadas as suas intencionalidades e formas de expressão” (p. 23). Acredita-se que tais conhecimentos foram (re)produzidos pelo homem a partir de suas necessidades, em um tempo e espaço específicos. Dentre eles, a Educação Física escolar se apropriou de alguns, que têm em comum a “representação corporal, com características lúdicas, de diversas culturas humanas” (p. 23).

Assim sendo, para uma melhor organização essa proposta separou os conteúdos específicos da Educação Física em três blocos inter-relacionados, de acordo com o que foi apropriado da cultura corporal: (1) conhecimentos sobre o corpo; (2) os

jogos, os esportes, as lutas e as ginásticas; e (3) as atividades rítmicas e expressivas.

Cada um desses blocos constitui, então, grupos de conhecimentos que se articulam entre si, mas que podem ser trabalhados separadamente por apresentarem especificidades. O primeiro bloco, de conhecimentos sobre o corpo, traz uma compreensão que não ultrapassa o físico e o biológico. Ou seja, a proposta afirma que

“[...] para se conhecer o corpo abordam-se os conhecimentos anatômicos, fisiológicos, biomecânicos e bioquímicos que capacitam a análise crítica dos programas de atividade física e o estabelecimento de critérios para julgamento, escolha e realização que regulem as próprias atividades corporais saudáveis, seja no trabalho ou no lazer. (...) É importante ressaltar que os conteúdos deste bloco estão contextualizados nas atividades corporais desenvolvidas.” (p.36)

Acredito que o documento deveria ampliar as compreensões de corpo para além do biológico. Não nego aqui a importância em se conhecer tais aspectos, pelo contrário, tal conhecimento é imprescindível. Considero, no entanto que seja necessário também que se tenha consciência de que o corpo que possuímos não é apenas biológico, mas apresenta dimensões históricas, antropológicas e filosóficas, que devem ser compreendidas pelos alunos desde cedo. Em estudos recentes, Marcos Flávio Moraes e colaboradores (2009:63) afirmaram que,

“[...] nesta perspectiva, numa tentativa de elevar o pensamento dos indivíduos a níveis mais críticos a respeito da fisiologia humana, elaborou-se uma proposta de abordagem para este conteúdo partindo da história e da filosofia do pensamento humano sobre seu corpo.”

Apesar de não ser específico da Educação Física, esse trecho é compatível com nosso pensamento a respeito do corpo social.

Considero, ainda assim, que seja um avanço haver uma proposta de Educação Física que leve em consideração os conhecimentos sobre o corpo, mesmo que de forma pouco abrangente.

O segundo bloco abordado trata dos conhecimentos acerca dos esportes, das lutas, dos jogos e das ginásticas. Podemos dizer que a visão dos PCNs sobre os esportes a serem trabalhados na escola é a de que estes são

“[...] práticas em que são adotadas regras de caráter oficial e competitivo, organizadas em federações regionais, nacionais e internacionais que

regulamam a atuação amadora e a profissional. Envolvem condições espaciais e de equipamentos sofisticados como campos, piscinas, bicicletas, pistas, ringues, ginásios, etc.” (p.37)

Acredito que essa é uma visão um pouco limitada sobre o esporte, já que concordo com Vago (1996, p. 4), ao afirmar que

“[...] a escola pode produzir uma cultura escolar de esporte que, ao invés de reproduzir as práticas de esporte hegemônicas na sociedade, como escreveu Bracht (1992), estabeleça com elas uma relação de tensão permanente, intervindo na história cultural da sociedade.”

Ou seja, o autor afirma que seria possível que a escola produzisse seu próprio esporte, o esporte *da* escola. Isso permitiria uma produção reflexiva, possível na medida em que a escola apresente um movimento propositivo de intervenção cultural na sociedade, não apenas transmitindo o saber existente sem refletir sobre suas ações.

Sobre os jogos, a proposta os apresenta de maneira bastante ampliada, afirmando que possuem uma maior flexibilidade quanto à sua organização e suas regulamentações, sendo “adaptadas em função das condições de espaço e material disponíveis, do número de participantes, entre outros” (p.37). Dessa maneira, os jogos entram como conteúdos da Educação Física, de acordo com a proposta dos PCNs, por fazerem parte da cultura corporal e, com isso, é importante que as crianças os conheçam em suas mais diversificadas dimensões que apresentam um caráter competitivo, cooperativo e recreativo.

As lutas são apresentadas na proposta dos PCNs, de acordo com minha análise, de maneira bastante vaga. Não é explicitado o objetivo em se trabalhar esse conteúdo na Educação Física no primeiro ciclo. Acredito que há uma gama enorme de lutas a serem conhecidas pelas crianças em seu percurso na escola que não é explorada nessa proposta. Por fazerem parte dessa cultura corporal, as lutas são parte dos conteúdos a serem ensinados e aprendidos em Educação Física e, por isso, deve-se ter clareza de como devem ser abordadas na escola em cada faixa etária. Caso contrário, permanecerá o pensamento de que este conteúdo está na escola para que os alunos aprendam a lidar com a violência.

A proposta apresenta a ginástica como um conteúdo que pode ser o meio para outros conteúdos ou que pode ter um fim em si mesma. Independentemente da

forma como o professor escolha trabalhar as diversas formas de ginástica existentes no Brasil ele deverá ter claro que este é um conteúdo que apresenta íntima relação com o bloco de conhecimentos sobre o corpo, pois possibilitam durante as atividades uma percepção do próprio corpo.

No terceiro bloco de conteúdos, atividades rítmicas e expressivas, o documento apresenta uma proposta para as brincadeiras cantadas e a dança. Este último conteúdo é explorado de forma mais ampla, no artigo que trata do ensino da Arte na escola. O que é explorado aqui é o trabalho com a pluralidade cultural brasileira para os variados estilos de dança e brincadeiras cantadas existentes. Sendo assim, é importante afirmar que

“Os conteúdos deste bloco são amplos, diversificados e podem variar muito de acordo com o local em que a escola estiver inserida. Sem dúvida alguma, resgatar as manifestações culturais tradicionais da coletividade, por intermédio principalmente das pessoas mais velhas é de fundamental importância. A pesquisa sobre danças e brincadeiras cantadas de regiões distantes, com características diferentes das danças e brincadeiras locais, pode tornar o trabalho mais completo.” (p. 39)

Acredito que esses conteúdos também podem estar atrelados ao bloco de conhecimentos sobre o corpo.

Após essa breve análise da proposta para a Educação Física escolar dos PCNs, é possível afirmar que tal proposta traz avanços para uma concepção de Educação Física mais democrática. Compartilhando com essa idéia, Suraya Darido e colaboradores (2001, p.11), afirmam que

“[...] na prática concreta de aula significa que o aluno deve aprender a jogar queimada, futebol de casais ou basquetebol, mas, juntamente com estes conhecimentos, deve saber quais os benefícios de tais práticas, porque se pratica tais manifestações da cultura corporal hoje, quais as relações dessas atividades com a produção da mídia televisiva, imprensa, dentre outras. Dessa forma, mais do que ensinar a fazer, o objetivo é que os alunos e alunas obtenham uma contextualização das informações como também aprendam a se relacionar com os colegas, reconhecendo quais valores estão por trás de tais práticas.”

No próximo tópico discutirei as proposições curriculares da RME/BH e suas concepções de Educação Física escolar.

Proposições Curriculares da RME/BH

Dedico-me agora a analisar o documento denominado “Desafios da Formação – Proposições Curriculares: Ensino Fundamental 1º Ciclo da RME/BH” (2009). Tal documento foi escrito por professores em atividade no âmbito da educação escolar, em parceria com professores da UFMG. Isso sugere um esforço na reflexão sobre questões fundamentais para a qualificação do fazer docente e do currículo escolar, pensando em educação na totalidade na qual ela está inserida (BUSMANN, 1986 apud SMED, 2009).

Como a RME/BH é regida pelos referenciais da Escola Plural os protagonistas na elaboração das proposições curriculares fizeram uma revisita ao caderno dos Referenciais Curriculares da Educação Básica na Escola Plural (2003) que afirma que o 1º ciclo centraliza o processo de ensino-aprendizagem por meio da alfabetização e socialização. Sendo assim esses referenciais sugerem que o currículo do 1º ciclo priorize essas funções, compreendendo a alfabetização como a utilização das diversas formas de linguagem para se expressar em diferentes situações e a socialização como a apropriação de signos sociais (Bakhtin, 2006) para se interagir e se comunicar com o mundo.

O documento argumenta então que, pensando o lugar da Educação Física no primeiro ciclo, o movimento é uma forma de linguagem, sendo assim, está resguardado o lugar dessa disciplina no currículo do primeiro ciclo do Ensino Fundamental. É possível considerar o movimento como uma forma de linguagem por permitir que as crianças interajam com o mundo por meio dele, já que antes de aprender as formas escrita e falada da linguagem a criança já se comunica e dialoga com objetos e com pessoas.

Considero aqui o movimento em sua forma (re)significada historicamente pelos sujeitos, ou seja, aqueles saberes que possibilitaram um valor agregado à forma de se movimentar do ser humano em suas diversas práticas sociais: os jogos e as brincadeiras, os esportes, as danças, as lutas e as ginásticas.

Esses saberes formam, de acordo com os PCNs, os três blocos de conhecimento específico da Educação Física, como visto no tópico anterior. Dessa forma é possível dizer, de acordo com as Proposições, que a Educação Física está legitimada na escola na medida em que ela permite a “ampliação do acesso ao conhecimento, à cultura e garante maior participação e interação em diferentes situações da vida social” (p. 70).

Acredito que essa ampliação do acesso ao conhecimento ocorre quando a criança é estimulada a estabelecer diferentes formas de interação com o mundo construindo e reconstruindo aqueles saberes próprios da Educação Física.

Os professores protagonistas dessas proposições acreditam que para que a Educação Física seja inserida no currículo escolar de maneira a fazer a diferença na educação da criança ela deve ser construída a partir de alguns princípios tendo claro o que, como e porque se ensina.

De acordo com esses princípios o papel da Educação Física na escola vai além da socialização entre as crianças, que deve ser uma tarefa de todas as disciplinas curriculares, já que a escola é um campo de intensas relações interpessoais.

Outro princípio, abordado nas Proposições, e que deve ser levado em consideração ao tratar da Educação Física Escolar é a inclusão, que deve ser compreendida além do trato com os estudantes com deficiências físicas e/ou mentais. Portanto, Figueiredo (2002, *apud* SMED, 2009:72) sugere que estejamos atentos para a construção de

“[...] práticas significativas preocupadas em rever aquelas práticas segregacionistas, o que implica questionar concepções e valores, abandonando modelos que discriminem pessoas com deficiência ou qualquer aluno e, finalmente, invalidar soluções paliativas”

Foi construído historicamente um estigma nas práticas educacionais em Educação Física no qual algumas crianças obtêm uma experiência extremamente prazerosa, de sucesso e de muitas vitórias, enquanto outras experimentam uma vivência corporal com uma incômoda sensação de incompetência, de falta de jeito, de medo de errar. A proposta feita pelas Proposições da prefeitura caminha no sentido de minimizar essa experiência negativa com a Educação Física que algumas crianças possam vir a ter, buscando democratizar a prática educacional.

O documento analisado compreende o princípio da ludicidade como uma forma de linguagem, uma vez que permite à criança o diálogo com o mundo a partir de suas expressões próprias da idade: a brincadeira, em diferentes tempos e espaços. Entretanto, os autores das proposições curriculares chamam a atenção para a diferenciação que deve ser feita entre “brincadeira enquanto um princípio (ou seja, a ludicidade) e as brincadeiras como conteúdo cultural das aulas de Educação Física” (p. 73).

O que se pretende com esse princípio é possibilitar que independente do conteúdo trabalhado nas aulas de Educação Física o professor ou professora permita à criança sua expressão própria descobrindo o conhecimento pela diversão.

Observa-se então que, de acordo com estas propostas curriculares, a Educação Física é mais uma disciplina que pode auxiliar o desenvolvimento social e cognitivo das crianças. Assim, acredito que ela deve ser trabalhada em sua totalidade buscando promover uma vivência corporal ampla, possibilitando ações educativas por meio de seu objeto de trabalho: o movimento.

Para além disso, é de extrema relevância destacar que a Educação Física apresenta um conteúdo próprio: as manifestações culturais do jogo, do esporte, da dança, das ginásticas, das lutas e das brincadeiras, que devem ser conhecidos e vivenciados em suas aulas.

CAPÍTULO 2

A Educação Física “entre os muros” da Escola Municipal Belo Horizonte

A aproximação com esta escola se deu ainda no primeiro estágio obrigatório da Licenciatura, no 6º período. Naquele momento, optei por fazer estágio na EMBH devido à sua estreita relação com os projetos da UFMG. Tal relação pode ser explicada por a escola estar localizada em um bairro próximo a essa instituição, onde se contrastam relações entre classe média e classe economicamente desfavorecida. Os alunos desta escola freqüentam grande parte dos projetos destinados à extensão universitária da UFMG, o que pode possibilitar uma maior qualificação em sua formação.

Em uma primeira visita à escola, conversei com a coordenadora do primeiro ciclo explicando-lhe minhas intenções e motivações para com esta pesquisa na EMBH, de modo que ela me inteirou da organização que a escola seguia. São responsáveis por ministrar a disciplina de Educação Física para as sete turmas do 1º ciclo duas professoras formadas em Pedagogia ou Magistério, que assumiam também a disciplina de Ciências.

Após esse contato inicial, minha intenção era acompanhar as aulas de ambas as professoras, o que me permitiria fazer aproximações e distanciamentos entre suas práticas. Contudo, uma das professoras não se sentiu à vontade para participar da pesquisa. A outra professora, Renata, se mostrou bastante disponível em colaborar com o estudo, permitindo que eu não só acompanhasse as aulas, mas pudesse ajudá-la em outras tarefas, como na elaboração da lista de materiais para a Educação Física do 1º ciclo, por exemplo. Ao iniciar as observações, pude perceber que Renata, além de gostar, se sente à vontade em trabalhar com o ensino de Educação Física para turmas de 1º Ciclo. Segundo afirmou em uma conversa informal, “é muito fácil trabalhar com a Educação Física, as crianças adoram!”.

Conhecendo o Espaço Escolar da EMBH

Em um dos dias de visita à escola, separei um tempo para conversar com a vice-diretora, Vanessa, sobre o Projeto Político Pedagógico (PPP) atual que vem sendo utilizado. Ela me informou que esse projeto ainda estava em construção e que o que havia em mãos estava muito defasado. Dessa forma, ela sugeriu que eu procurasse a diretora, Catarina, para conversar a respeito desse Projeto em construção.

Agendei, posteriormente, um encontro com Catarina e estruturei um pequeno roteiro para nortear nossa conversa: (1) Qual é a história da escola e como se deu sua inserção naquela comunidade. (2) Como é a proposta pedagógica da escola como escola da rede municipal de ensino? (3) Qual a relação dos projetos com a comunidade externa (quais são e como eles são realizados junto à comunidade)? Essas foram algumas questões formuladas para dar início à nossa conversa.

Catarina tentou responder às minhas dúvidas com interesse e nessa nossa conversa, tive conhecimento de que o espaço da escola fazia parte da Congregação de Padres da Comunidade. Sendo assim, a escola funcionava como o Lar dos Meninos, até 1970, no espaço onde hoje funciona a Estação Ecológica da UFMG. Em 1971 houve a inauguração da escola, que só foi possível graças à doação do terreno da Congregação para a construção do grupo escolar naquele espaço. No ano de 1976 houve a mudança de nome, a escola se tornou municipal, e a inauguração da primeira turma de pré-primário da EMBH.

Catarina falou a respeito da constituição do PPP e dos demais projetos aos quais a escola está inserida². Em seguida a essa conversa pedi autorização à diretora para fazer um “passeio” pela escola para tirar fotografias do ambiente escolar. Em resposta ela me permitiu fotografar os espaços, desde que fossem resguardadas imagens das crianças.

Nesse “passeio” realizado, os alunos estavam em sala de aula, o que foi positivo, assim poderia tirar fotografias sem ter preocupação com a presença das crianças.

² Esse assunto será abordado com mais ênfase mais adiante, no tópico “Projetos inseridos na EMBH”.

Isso também me possibilitou contrapor o mesmo ambiente em dois momentos: com e sem a presença dos alunos, durante o recreio e a saída de turno. Pude observar como os alunos agem e interagem com esses espaços, que tomam outra característica quando ocupados.

Visitei os espaços que me permitiam acesso: as duas quadras poliesportivas cobertas; a quadra de vôlei/peteca ao lado do estacionamento; os pátios arborizados; os corredores, que são cobertos; os dois vestiários, feminino e masculino; os banheiros femininos e masculinos; o teatro de arena e o anfiteatro; a brinquedoteca, que está desativada; a biblioteca, onde funciona também a biblioteca infantil; e a cantina, onde são servidas as refeições para o turno regular e para os alunos da Escola Integrada³.

A escola apresenta um ambiente agradável e há em todo o seu espaço físico a intervenção de pessoas da comunidade local no projeto Escola Aberta⁴. Em vários locais podemos encontrar pinturas, grafiteagem, colagem e mosaicos, feitos pela comunidade neste projeto, como podemos ver no muro ao fundo na fotografia acima. De acordo com Deborah Corrêa (2007), isso é positivo, pois podemos perceber uma participação ativa da comunidade, fazendo com que esta se aproprie de fato deste espaço público, valorizando cada vez mais o ambiente escolar, minimizando até mesmo os problemas de depredação do patrimônio no local.

Percebemos então, a partir dessa breve caracterização, que a EMBH apresenta um espaço físico propício para o desenvolvimento de aulas de Educação Física e de outras atividades pedagógicas.

³ Escola Integrada é um programa da Prefeitura de Belo Horizonte que atende, no contra-turno, a alunos do ensino fundamental em várias escolas da RME-BH transformando espaços próximos à escola em locais de aprendizado. Para isso, há a participação de diferentes esferas governamentais, escolas, instituições de ensino superior e ONGs. Mais adiante trataremos do funcionamento desse programa especificamente na EMBH.

⁴ Escola Aberta é um programa de parceria entre o Ministério da Educação e secretarias estaduais e municipais de educação. Busca repensar a instituição escolar como espaço alternativo para o desenvolvimento de atividades de formação, cultura, esporte e lazer para os alunos da educação básica das escolas públicas e suas comunidades nos finais de semana, estreitando as relações entre escola e comunidade. Mais adiante trataremos do funcionamento desse programa especificamente na EMBH.

A Educação Física na EMBH

A EMBH atende nos turnos da manhã, tarde e noite. O primeiro turno oferece o primeiro e segundo ciclos do Ensino Fundamental. O segundo turno oferece apenas o terceiro ciclo do Ensino Fundamental. E o terceiro turno oferece somente o curso de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Nos dois primeiros turnos há a realização do programa Escola Integrada, que atende alguns alunos, em seu contraturno escolar. Nos finais de semana a EMBH abre aos sábados e domingos, sendo desenvolvido o programa Escola Aberta.

Trataremos apenas da organização escolar para o primeiro ciclo, que contém o objeto de estudo dessa pesquisa. O horário escolar para este ciclo funciona da seguinte maneira:

	Início	Término
Primeiro Horário	07:10	08:10
Segundo Horário	08:10	09:10
Recreio	09:10	09:30
Terceiro Horário	09:30	10:30
Quarto Horário	10:30	11:30

Como podemos ver as aulas são de sessenta minutos. De acordo com conversas com algumas professoras, essa organização foi uma conquista da escola junto à SMED. Com essa mudança no quadro de horários foi possível aumentar a duração das aulas, possibilitando um maior aproveitamento do tempo.

A escola possui, para este ciclo, duas coordenadoras, uma que trata mais das questões pedagógicas e outra que trata das questões burocráticas. O quadro de professores para este ciclo é composto apenas por professoras, do gênero feminino, que possuem formação em Normal Superior ou em Pedagogia. Algumas dessas professoras possuem cursos de especialização diversos, como Alfabetização e Letramento, Psicopedagogia e Educação Infantil.

A professora Renata, que aceitou participar deste estudo, nos cedendo espaço para discussão sobre o seu fazer docente, é formada em Pedagogia e possui especialização em Psicopedagogia. É importante dizer isso, para compreendermos

melhor, posteriormente, determinadas ações e para refletir com maior embasamento acerca de sua *práxis*.

Para entendermos o lugar que tem a Educação Física nessa escola é importante, antes de tudo, compreendermos a constituição do seu Projeto Político Pedagógico (PPP). Não tive acesso ao documento, mas de acordo com Catarina, esse projeto está sendo proposto e escrito pelos próprios professores que atuam na escola, o que configura uma adequação quanto às reais necessidades dos alunos e desses professores.

Ainda segundo a diretora, dois documentos foram utilizados como base para a elaboração desse PPP: as *Proposições Curriculares da RME/BH*, que já foram abordadas no capítulo anterior, e o *Plano Nacional de Educação (PNE)*. Dessa forma, acredito que esse projeto da EMBH busca dialogar com esses dois documentos, compreendendo o processo de ensino-aprendizagem em seu caráter mais amplo.

Pelo que entendi após a conversa com a diretora Catarina não há uma proposta específica para a Educação Física no primeiro ciclo neste PPP. Ela não deixou claro, mas me parece que cada professora é quem seleciona os conteúdos a serem desenvolvidos durante suas aulas. Com as observações das aulas de Renata parece que é isso mesmo o que ocorre: ela é quem seleciona os conteúdos para suas turmas.

Catarina me explicou ainda que no primeiro ciclo as professoras se dividem entre si para assumirem as disciplinas pelas quais tem mais afinidade. Sendo assim, não há aquela organização proposta pela SMED onde uma professora é referência para uma turma e a acompanha ao longo do ano, mas há várias professoras que passam por algumas turmas e ministram apenas dois conteúdos para todas elas. A professora Renata é a responsável por ministrar as disciplinas de Educação Física e Ciências para turmas de primeiro e segundo ano.

As aulas de Educação Física da professora Renata que eu pude assistir foram realizadas, em sua grande maioria, em uma das quadras cobertas. Em geral a rotina era a mesma: Renata, em seu horário de Educação Física, chegava na sala da turma que teria a aula, pedia para as crianças guardarem os materiais e, se fosse o

segundo horário pedia que elas levassem os lanches, para não precisarem voltar à sala de aula antes do recreio. Em seguida, seguiam para o espaço onde se realizaria a aula.

Durante todo o período de observação houve apenas uma aula no espaço do Parquinho (ver fotografias no apêndice). Essa aula foi realizada nesse espaço porque a quadra estava sendo preparada para um evento que aconteceria no dia seguinte. E não houve também nenhuma aula no espaço do Teatro de Arena. Essa limitação na escolha pela utilização do espaço pode demonstrar um quê de esportivização dessas aulas de Educação Física, já que a quadra apresenta as marcações dos quatro esportes coletivos mais populares no Brasil. No entanto, percebi que os conteúdos dessas aulas raramente estavam relacionados ao esporte. Essa contradição pode ser explicada pela legitimação dessa disciplina na escola que ficou resguardada, durante muito tempo, à instituição esportiva.

Nas aulas de Renata pude perceber uma escolha por conteúdos que estão dentro da chamada cultura corporal. Isso vem confirmar que a Educação Física, nesta escola, neste ciclo, por esta professora, é administrada de acordo com as propostas das proposições curriculares e dos PCNs. Dessa forma, podemos considerar que a Educação Física escolar é compreendida nesse contexto específico como a disciplina responsável por tratar do conhecimento dessa área que foi denominada como cultura corporal pelo Coletivo de Autores (1992) e por diversos outros autores desse campo, como Valter Bracht, por exemplo.

Projetos Inseridos na EMBH

Quanto aos projetos presentes na EMBH, Catarina me informou que há vários implantados e funcionando regularmente, mas há outros que já não funcionam mais por diversos motivos. Dentre os projetos e programas que estão funcionando atualmente citamos o Programa Saúde na Escola (PSE); o Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (PROERD); o Projeto de Intervenção Pedagógica (PIPE); o Supletivo Telecurso 2000, do 5º ao 9º ano do Ensino

Fundamental; a Educação de Jovens e Adultos (EJA); a Escola Aberta; e a Escola Integrada.

Trataremos rapidamente agora sobre cada um desses projetos e como eles funcionam na EMBH.

O PSE é um programa com parceria entre o ministério da Saúde e o ministério da Educação e apresenta o objetivo de reforçar a prevenção à saúde dos alunos nas escolas, promovendo assim o hábito em cuidar da saúde desde cedo. Na EMBH o programa se inicia com uma avaliação das condições de saúde das crianças e adolescentes, desde o estado nutricional até a análise psicológica do estudante.

Juntamente com esse programa há um trabalho no que diz respeito ao combate às diferentes expressões de violência, consumo de álcool, tabaco e outras drogas. Com relação a isso, há na escola o PROERD, que visa justamente essa conscientização dos alunos para com a resistência às drogas e à violência. Sendo assim, esses dois projetos funcionam como complemento, nesta escola. É importante ressaltar ainda que o PSE apresenta uma abordagem à educação sexual, além do estímulo à atividade física e práticas corporais, como forma de obtenção e manutenção da vida saudável.

O programa Escola Integrada, promove um atendimento a cerca de 330 alunos na EMBH em seu contraturno escolar. São servidos café da manhã, almoço e lanche da tarde para todos os alunos assistidos pelo programa. Há o desenvolvimento de diversas atividades dentro e fora da escola: artes, música, esportes, informática, pré CEFET/COLTEC, entre outros. O principal parceiro da EMBH neste programa é a UFMG, que disponibiliza espaços a serem utilizados durante algumas atividades.

O programa Escola Aberta possibilita um atendimento à comunidade externa aos sábados e domingos de 8h às 14h. Há o desenvolvimento de diversas atividades de lazer, esporte, formação e cultura para a comunidade dentro da escola. Um dos objetivos desse projeto na EMBH é trazer a comunidade para dentro da escola, possibilitando uma relação escola-comunidade mais direta.

O PIPE é um projeto que garante um reforço escolar em Matemática e Português para alunos repetentes e/ou com dificuldades de aprendizagem ao longo de todo o Ensino Fundamental.

CAPÍTULO 3

Organização e Desenvolvimento das Aulas de Educação Física na EMBH

Agora, detenho-me em alguns pontos destacados durante o período de observação na escola - nos meses de fevereiro a maio, segundas-feiras e quartas-feiras de 07:10h às 09:30h e sextas-feiras de 09:30h às 11:30h. Partindo dessas observações realizadas, selecionei algumas aulas para discutir, dentre uma gama de assuntos, alguns pontos que mais chamaram a atenção. Farei uma breve descrição de algumas dessas aulas para, em seguida, trazer minhas reflexões sobre a prática docente em questão.

Primeira aula observada – 23/02

Este foi o segundo dia de visitas a EMBH, uma quarta-feira, no entanto foi o primeiro em que foi possível fazer observação de aulas. Pude assistir a duas aulas de Educação Física da professora Renata e fiz observação também do recreio de alguns alunos do primeiro ciclo.

A primeira aula, de uma das turmas de 1º ano, se iniciou às 07:10. As crianças dessa turma apresentam entre 6 e 7 anos. Renata pediu que eu me apresentasse aos alunos. Eu o fiz falando meu nome e dizendo que estou estudando para ser professora de Educação Física, assim como as outras professoras que eles tinham, e que era por isso que eu estava na escola: para aprender a ser professora de crianças como elas. Em seguida, me ofereci para buscar o material de Educação Física na sala da coordenação: uma corda e uma bola meio murcha. Ao voltar seguimos para a quadra onde já estava havendo uma aula de Educação Física. Após conversar com a outra professora, Renata seguiu com sua turma para a outra quadra e iniciou a aula, que seria de corda. Ela me pediu para ajudá-la a bater a corda para que as crianças, uma de cada vez, pulassem.

A turma foi organizada em duas filas, uma de meninos e outra de meninas. Cada criança, à sua vez e do seu modo, alternando entre as filas, pulava a corda com uma chance, para o caso de errar. Em toda a turma só havia uma aluna que pulava corretamente. Ela foi a primeira a pular e a professora a utilizou como modelo, pedindo para que as outras crianças observassem como ela pulava e tentassem imitá-la na sua vez de pular.

Renata se mostrou bastante paciente com as crianças que não sabiam pular e pediu que elas não ficassem com vergonha de tentar, pois era errando que iriam aprender. Frisou muito com as outras crianças que elas “não deveriam rir quando um coleguinha errasse ou demorasse a pular, pois todos tiveram que aprender um dia e passaram pela mesma situação”.

Algumas crianças, em sua maioria meninos, não estavam motivadas a participar da atividade e queriam brincar de bola. Como a bola não estava liberada, já que a aula seria de corda, essas crianças ficaram correndo na arquibancada. A professora chamava sua atenção e percebi que no momento em que ela os chamavam eles voltavam para a fila, mas em seguida começavam a correr novamente.

Pude perceber que algumas crianças melhoraram bastante a forma de pular e a professora ficou muito feliz com isso, elogiando-as bastante. Cada criança pulou em torno de quatro vezes.

Ao final da aula seguimos para a sala de aula e Renata conversou com a turma sobre seu comportamento. As crianças ficaram caladas escutando. Quando a professora dos segundo horário chegou na sala de aula, Renata e eu saímos e fomos para a próxima turma, que era de 2º ano.

A aula do 2º ano iniciou-se às 08:10. Seguimos para a quadra com a turma e Renata pediu que eu me apresentasse aos alunos, e eu o fiz como na primeira turma. Em seguida ela pediu que eles fizessem uma fileira em cima da linha amarela (limite da quadra de futsal) dando a distância de um braço entre um e outro. Depois lhes pediu que andassem ao longo dessa linha. Variou entre correr devagar, parar, andar rápido. Depois de uns 5 minutos a professora pediu que eles parassem e iniciou outra atividade: a *brincadeira dos gestos*. A brincadeira consistia em as crianças,

dispostas em uma fileira imitarem os gestos que Renata fizesse á frente. Em seguida, ela escolheria uma criança para ir em seu lugar e assim sucessivamente.

Comentei com Renata que eu não conhecia a brincadeira dessa forma e que achei interessante, por permitir que as crianças desenvolvessem sua criatividade e perdessem a timidez. Ao conversar com a professora percebi que essa era justamente sua intenção. Ela me disse que desde o ano anterior ela vem fazendo brincadeiras como essa, e que vem mostrando resultado: “Eu percebi que a expressão facial delas mudam, elas já conseguem se arriscar mais nos gestos e nos movimentos”⁵.

Após mais da metade das crianças serem escolhidas para fazer os gestos Renata iniciou outra atividade à qual ela deu o nome de “Corrida dos Campeões”. Nessa atividade as crianças saíam em trios de uma extremidade da quadra até a outra e depois voltariam, sempre correndo. Do trio, a criança que chegasse primeiro seria o vencedor. Após todos os trios saírem haveria uma nova competição, entre os vencedores de cada trio, para que saísse o campeão. Havia disputa feminina e masculina separadamente. Renata pediu que eu ficasse na outra extremidade da quadra e observasse se as crianças iriam passar da linha antes de voltar, evitando que elas burlassem a regra. Eu fiquei na outra extremidade da quadra, abri meus braços e disse que as crianças deveriam tocar minhas mãos antes de voltar. Ao que me pareceu, nenhuma delas tentou burlar a regra.

Após a definição dos campões iniciou-se uma nova atividade: *A raposa e os pintinhos*. As crianças já conheciam essa brincadeira, então a professora só definiu quem seriam as *raposas* e quem seriam os *pintinhos*. Havia a mãe dos *pintinhos* que deveria estar em uma extremidade da quadra e diria aos filhotinhos, que estariam na outra extremidade, para que eles não tivessem medo da *raposa*. Após a mãe dizer isso os *pintinhos* saíam ao encontro da mãe e as *raposas* deveriam tentar pegar os *pintinhos* antes que estes cruzassem a linha do limite. Os *pintinhos* que fossem pegos saíam da brincadeira. Assim, na medida em que as crianças foram saindo da brincadeira elas foram se interessando em fazer outras atividades. Uma delas pegou a corda e me pediu para bater para elas. Eu pedi que elas perguntassem à Renata se isso era possível. Após ela permitir eu ajudei a bater a corda e algumas crianças,

⁵ Fala de Renata durante nossa conversa.

em sua maioria meninas, foram pular, inclusive eu pulei também. Outras crianças, após acabar a brincadeira da *raposa* e definir quem era o pintinho campeão, foram brincar de bola com organização da professora. Essas atividades renderam uns dez minutos, quando o sinal tocou, dando início ao recreio.

A caminho da sala dos professores, Renata me explicou que na turma de segundo ano há um aluno que apresenta dificuldades motoras. Ele possui uma válvula na cabeça e, segundo a mãe, não pode cair sob o risco de morrer. Sendo assim, a professora apresenta atenção redobrada sobre essa criança, mas acredita que ele deve fazer as atividades normalmente, como as outras crianças.

Algumas crianças pediram que eu ficasse com elas, enquanto elas brincavam, durante o horário do recreio. Pedi que elas fossem na frente, eu iria lanchar e depois encontrava com elas no parquinho, onde elas faziam seu recreio.

Fiquei com essas crianças durante todo o período do recreio e percebi que no parquinho, que é fechado, só é permitido ficar as crianças do primeiro ciclo. Algumas crianças chegaram para mim com queixas de alguns colegas querendo bater ou brigar por algum motivo e eu tentava acalmar a situação. Ao término do recreio, eu agradei e me despedi de Renata, já que naquele dia não haveria outras aulas de Educação Física.

Segunda aula observada – 25/02

Nesse dia assisti a apenas uma aula de Educação Física, de uma outra turma de 1º ano. Renata me apresentou aos alunos e iniciou sua aula com uma brincadeira de corre cutia. Ela utilizou o círculo central da quadra para delimitar a área da brincadeira. Quem não respeitasse o limite seria considerado galinha choca e ficaria sentado no círculo até o final da atividade. Pude perceber que as crianças gostaram muito da brincadeira.

Em seguida a professora iniciou uma atividade de aquecimento ao longo da linha amarela, como nas outras aulas que presenciei e já comentei anteriormente. Após

isso fez a brincadeira dos gestos e pediu que eu fizesse os primeiros gestos, ou seja, que eu iniciasse a atividade. Achei sensacional participar da atividade, e em seguida escolhi uma criança para me substituir. Fiquei ao lado de Renata, comentando as coisas que aconteciam. Um dos alunos pediu à professora para ir ao banheiro, mas como a aula já estava acabando ela pediu que ele esperasse um pouco. Ele esperou calado, sem reclamar. Após um certo tempo percebi que a criança havia feito xixi na roupa e havia molhado a quadra. Entretanto ele não falou nada com a professora. Eu mostrei a ela o que havia acontecido e ela o chamou para conversar. Nesse período fiquei com a turma. Em seguida voltou e o menino participou da atividade normalmente, mesmo com a roupa molhada.

Essa atividade dos gestos durou até o final, pois algumas crianças reclamaram que não haviam participado, quando Renata falou de terminar a atividade. Por isso ela permitiu que a atividade se estendesse um pouco mais. Ao que me pareceu às crianças estavam gostando, em sua maioria. Em seguida, Renata pediu que as crianças fossem ao banheiro lavar as mãos e pegar seu lanche para que seguissem para a cantina, encerrando-se assim aquela aula.

Enquanto as crianças lanchavam na cantina, Renata e eu ficamos conversando, sentadas junto aos alunos. Ela me pediu ajuda para montar a lista de materiais de Educação Física para o primeiro ciclo. Eu gostei da possibilidade de participação que ela estava me dando e comentei sobre a possibilidade de fazer materiais utilizando objetos recicláveis. Ela ficou muito entusiasmada e disse que seria uma excelente ideia, já que ela está trabalhando justamente com esse tema em suas aulas de Ciências. Ficamos conversando um bom tempo sobre essa ideia. Em seguida, os alunos seguiram para o local onde eles passariam o recreio, que era separado do segundo ciclo, e Renata me explicou que naquele dia não haveria mais aulas de Educação Física.

Quarta aula observada - 02/03

Neste dia a professora Renata não foi à escola e quem ficou responsável pelas aulas dela foi a coordenadora pedagógica do primeiro ciclo. Na primeira turma, de 1º ano, ela permitiu que somente os alunos que se comportassem bem fariam a aula de Educação Física. Assim, todos os alunos procuraram se comportar melhor, para não ficarem sem a aula, da qual eles tanto gostavam, conforme pude perceber ao conversar com alguns deles.

Ao chegarem à quadra, ela desenvolveu algumas atividades de corrida variando entre os tipos: corrida de sapo, de costas, carrinho de mão e a corrida comum. Em seguida brincou de corre cotia com as crianças. Em certo momento a coordenadora pediu que eu ficasse com a turma para que ela fosse resolver alguns problemas na escola. Eu fiquei com a turma e continuei com a atividade de corre-cutia, já que a aula já estava no final.

Na turma do segundo ano, no segundo horário, ela desenvolveu a brincadeira da batata-quente e lhes ensinou uma música nova, que eu também não conhecia. As crianças sentiram dificuldade de entender que não podiam *jogar* a “batata” no colega, tanto que em um momento da aula uma criança se machucou, pois o objeto atingiu seu rosto. A coordenadora conversou com as crianças envolvidas e tentou resolver o problema.

Em seguida ela pediu que eu ficasse com a turma e ela saiu da aula para resolver algumas questões da escola.

Os alunos pediram que eu desse a atividade da *raposa e os pintinhos*, e eu aceitei a sugestão. Quando todos os *pintinhos* foram pegos, até sobrar somente o vencedor eu pedi que todos fizessem uma fileira na linha amarela e iniciei a brincadeira *O mestre mandou*. Uma das crianças, Lucas, não gostou de um coleguinha, Pedro, entrar em sua frente, e, ao invés de me falar o que houve ele simplesmente saiu da brincadeira. Tentei resolver o problema explicando ao Pedro que não devemos “furar fila” e pedi que ele voltasse ao seu lugar original, ele demonstrou ter entendido que havia cometido um erro e voltou ao seu lugar. Mesmo assim Lucas não quis voltar

para a brincadeira e eu permiti que ele não participasse, mas disse que se ele quisesse voltar era só falar. Quando finalizei *mestre mandou*, Lucas foi o primeiro a voltar, e aí eu entendi que na verdade ele não havia gostado da brincadeira, mas não conversei nada sobre isso com ele, afinal, é um direito dele não participar da atividade. Iniciei a atividade dos gestos, e esta foi a que eles mais gostaram.

Oitava aula observada - 16/03

Neste dia, ao iniciar a aula da turma de 1º ano, antes de levá-la para a quadra, Renata conversou com as crianças sobre a relação que elas tem umas com as outras.

Explicou-lhes que elas não podiam bater no colega e que deveriam respeitar cada um deles mesmo se não fossem amigos. Chamou a atenção deles para a violência com que tratavam uns aos outros dizendo que deveriam "parar com essas atitudes para que no futuro não virassem bandidos, e ninguém gosta de bandidos".

A conversa durou de 15 a 20 minutos, sendo assim, sobrou pouco tempo para a aula de Educação Física. Ela desceu com as crianças para a quadra e iniciou uma atividade de corrida com estafetas. Algumas crianças não compreenderam muito bem o esquema da atividade, então Renata demorou mais do que o esperado para explicar. Depois que as crianças compreenderam as regras elas partiram para a ação. No entanto, passados 5 ou 10 minutos o sinal tocou e a aula acabou. Percebi que algumas crianças ficaram frustradas por não poder brincar mais.

O segundo horário foi com a turma de 2º ano. Renata liberou o tempo da aula para que as crianças ensaiassem um teatro para sua aula de Ciências. Após alguns minutos de aula começaram a surgir alguns conflitos dentro de alguns grupos. Para resolver o problema Renata separou as crianças que estavam atrapalhando o andamento do grupo e pediu que fizessem um novo grupo, construindo uma peça teatral separadamente.

Após todos os grupos ensaiarem o seu teatro algumas crianças pediram para brincar com a bola e com a corda. Instantaneamente, sem que houvesse uma exigência, dois grupos surgiram: o dos meninos, com a bola, que brincaram de treinar pênaltis; e o das meninas, com a corda. A professora ficou com os meninos e eu fiquei com as meninas, ajudando-as a bater a corda para que pulassem.

Ao final da aula, conversei com Renata sobre a lista de materiais para a Educação Física. Ela pareceu satisfeita com a lista que eu havia preparado e disse que iria enviar a lista para a coordenação, para que a compra dos materiais fosse feita logo, pois o material que tinha, uma corda e uma bola, não era suficiente para desenvolver muitas atividades.

Nona aula observada - 18/03

Neste dia, a coordenadora foi a responsável pela aula de Renata novamente. Ela trabalhou com as mesmas atividades da outra aula em que ela fez a substituição da professora: corrida de sapo, corrida de costas, corrida de carrinho de mão e corrida comum, além da brincadeira de corre cotia. Quando essas atividades terminaram e a coordenadora percebeu que ainda havia muito tempo de aula ela me pediu ajuda. Eu disse a ela que as crianças gostavam muito da brincadeira dos gestos. Ela não conhecia tal brincadeira, então eu mostrei como era, conduzindo a atividade. De fato as crianças gostaram. No entanto, isso não impede que sejam trabalhados outros conteúdos, que talvez elas ainda não conheçam.

A outra turma foi dispensada da aula de Educação Física, já que a coordenadora não poderia substituir Renata naquele horário. Segundo ela me explicou havia uma reunião marcada com pais/mães de alguns alunos.

Aproveitei para conversar com a vice-diretora, Vanessa, sobre alguns aspectos históricos e organizacionais da escola, conforme me orientou a coordenadora.

Décima aula observada - 21/03

Neste dia Renata desenvolveu uma atividade diferente com as crianças do 1º ano: *Corrida com o Lenço*. As crianças ficaram bastante motivadas e eufóricas, talvez porque era uma atividade que eles ainda não conheciam. Para o desenvolvimento dessa brincadeira Renata dividiu a turma em meninos e meninas, e pediu que eles formassem duas filas ao fundo da quadra, perto de uma das traves. Entregou para o primeiro de cada uma das filas um lenço. Ao sinal, as crianças deveriam correr com o lenço na mão, em direção à outra trave. Ao chegar lá, deveriam amarrar o lenço em um dos postes da trave e voltar para a fila, deixando o lenço preso na trave. O próximo da fila deveria correr em direção ao seu lenço e desamarrá-lo, trazendo-o nas mãos. Ao chegar na fila deveria entregar ao próximo da fila e entrar ao final da mesma. E assim, sucessivamente.

A intenção de Renata não era competir para ver quem seria o vencedor, ainda mais que a fila das meninas era maior. Seu objetivo, conforme ela me explicou, era fazer com que as crianças trabalhassem essa questão da cooperação, da coordenação de amarrar e desamarrar o lenço e o correr.

Para as crianças, por outro lado, o que importava era conseguir amarrar ou desamarrar o lenço e chegar mais rápido que o coleguinha do lado. A meu ver eles não estavam nem um pouco se importando quem seria o vencedor, eles queriam mesmo era correr.

Alguns alunos pediram para beber água, ao que Renata permitiu. Depois eles voltavam para a fila e começavam a participar da brincadeira novamente, ou na torcida pelo colega de sua fila ou correndo.

Essa foi à única atividade realizada nesta aula. Acredito que a professora percebeu que as crianças estavam gostando e preferiu continuar com a atividade.

Faltando 5 minutos para o término do horário da aula Renata encerrou a atividade e pediu que os alunos fossem beber água e retornassem para a quadra para que ela os levasse todos juntos para a sala de aula.

Décima segunda aula observada - 25/03

A aula deste dia foi ministrada pela professora Renata no Parquinho, pois a quadra não podia ser utilizada, já que estava sendo preparada para uma atividade que seria desenvolvida ali no dia seguinte. Renata desenvolveu atividades com corda, ensinando às crianças que ainda não sabiam a pular corda. Pude perceber que muitas delas já haviam aprendido bastante e pude notar que a professora ficou muito feliz em ver que elas conseguiam pular duas ou três vezes. Ela parabenizou as crianças que haviam demonstrado ter aprendido e chamou as outras a tentarem novamente, para conseguirem aprender também. Foi possível notar que as crianças que conseguiram pular ficaram orgulhosas de ter aprendido algo novo, que lhes parecia tão difícil.

Algumas crianças não demonstraram interesse em continuar com a atividade de corda. Assim, para os meninos Renata entregou-lhes a bola, e para as meninas ela lhes deu uma pedrinha enrolada em um papel para que elas brincassem de *amarelinha*. Pude notar que um ou dois meninos pediam às meninas para brincarem de *amarelinha* também. Elas os deixavam participar, mas eles pareciam não ter muita paciência para a brincadeira, e desistiam, indo pular corda ou brincar de bola.

Quando o tempo de aula encerrou, Renata pediu que eles lavassem as mãos antes de lanchar. Os levou para o refeitório e em seguida, após todos terem lanchado, ela foi para a sala dos professores.

Décima terceira aula observada – 28/03

A aula deste dia se iniciou com a brincadeira do *corre cutia*. Logo no início da aula, duas crianças derrubam o lanche de um colega. Renata as colocou fora da atividade, como castigo. Depois de um tempo ela foi conversar com as duas crianças. Enquanto isso, ela pediu que as outras crianças fizessem uma roda, o que não foi obedecido. Por isso, Renata finalizou a aula, levando todos para a sala de

aula. A turma ficou o restante da aula, 10 a 15 minutos, na sala de aula. Não foi distribuída nenhuma atividade e os alunos não podiam conversar. A professora conversou com a turma sobre seu comportamento, fazendo-os refletir sobre sua atitude. Essa conversa durou em torno de sete minutos. Renata me pareceu bastante nervosa e não permitiu que os alunos expressassem sua opinião sobre o fato.

Passado algum tempo ela permitiu que apenas dois alunos, uma menina e um menino, saíssem mais cedo para o lanche, pois, segundo ela, eles haviam se comportado bem.

Ao encerrar o horário da aula a professora permitiu que os alunos saíssem com seu lanche para o refeitório, onde ela ficou até que eles terminassem de lanchar.

Reflexões possíveis a partir da experiência observada

Neste tópico exponho minhas reflexões acerca das experiências da professora Renata, possíveis de se conhecer a partir da pesquisa de campo na EMBH.

Como foi possível perceber, neste período foram trabalhados, nas aulas de Educação Física do 1º e 2º anos, os conteúdos de jogos, brincadeiras populares e corridas. Nessas aulas, pude notar uma dedicação da professora Renata para com os alunos e uma preocupação com o desenvolvimento das relações estabelecidas entre eles durante o processo de ensino-aprendizagem.

Para exemplificar tais relações, destaco uma fala proferida por Renata durante a primeira aula observada, quando ela ensinava os alunos a pular corda: “Não é para vocês rirem quando um coleguinha errar ou demorar a pular, pois todos tiveram que aprender um dia e passaram pela mesma situação. Tudo bem?”. Essa preocupação demonstra uma tentativa de induzir os alunos a se arriscarem a aprender o movimento, além de estimular o respeito pelo outro e a compreensão dos colegas em relação ao ritmo de aprendizagem de cada um.

Um procedimento bastante utilizado por Renata em sua prática docente é o reconhecimento do esforço do aluno. Em certas ocasiões, e especialmente quando há o ensino de algum gesto novo para as crianças, ela as incentiva por meio de elogios. Com isso percebi que as crianças se sentem mais motivadas a participarem da aula, se esforçando mais para aprender ou aperfeiçoar o conhecimento desenvolvido na aula.

Esse reconhecimento da professora parece ser administrado com uma clara intenção de possibilitar a essas crianças, por meio das aulas de Educação Física, não só a diversão durante as atividades, como se poderia supor, mas para além disso percebe-se uma intenção de melhoria do desenvolvimento de habilidades e capacidades, como velocidade, criatividade, desinibição, coordenação motora, dentre outros.

Em aulas organizadas com a prática de corrida, Renata possibilita o desenvolvimento da capacidade velocidade, por meio de atividades de disputa que permitem à criança lidar com os sentimentos de derrota e vitória. Nessas aulas há o elogio para os alunos que conseguem melhorar o desempenho e, a partir desse estímulo, foi possível notar que o desempenho deles melhorou ainda mais.

Renata desenvolveu atividades que exigem o raciocínio artístico, individual ou em grupo, por meio de exercícios onde cada criança cria seu próprio movimento, seu próprio gesto e em seguida o ensina para a turma. Isso propicia a desinibição, principalmente para aquelas crianças mais tímidas, e em diálogos com a professora ela deixa claro que seu propósito tem sido esse. Nessas atividades, pude notar que algumas crianças ficam mais felizes após o elogio da professora sobre sua desenvoltura durante a execução das atividades. Assim, percebi ainda que o nível motivacional dessas crianças para com as aulas aumenta.

Em conversas com Renata, fui informada que a intenção dessas atividades de criação e expressão é possibilitar às crianças uma maior interação entre elas, e, com isso, um maior desenvolvimento social. Além disso, a professora acredita que as crianças, nas aulas de Educação Física, necessitam desse tipo de conhecimento que lhes permitem aprender habilidades que lhes possibilite um maior conhecimento sobre seu próprio corpo, reconhecendo suas limitações, as quais não serão

possíveis de se aprender em outra disciplina. Com isso, Renata demonstra uma preocupação com a formação integral de seus alunos, preocupação esta perceptível em sua *práxis*.

Pude perceber que para a realização de algumas atividades Renata separa a turma por gênero. Há a formação de dois grupos grandes, o dos meninos e o das meninas, que fazem as mesmas atividades simultaneamente. Não tive a oportunidade de conversar com ela sobre essa separação. Surgiu então a curiosidade em saber o porquê de isso ocorrer. Se é a mesma atividade, porque há a formação de dois grupos distintos pelo gênero pertencente? Ainda mais quando, em algumas turmas o número de integrantes desses grupos não é o mesmo. É uma forma de organização predefinida, que não pressupõe um planejamento diário, ou seja, dividindo-se em meninos e meninas o grupo já fica predefinido, antes de a aula começar.

No entanto, acredito que outras maneiras de dispor as crianças a participarem das atividades: em trios, em duplas e em grupos mistos menores, possam proporcionar uma maior interação entre meninos e meninas, necessária à formação dessas crianças. Essa interação poderia possibilitar que as crianças conhecessem as diferenças e semelhanças entre si, minimizando a formação de estereótipos. Sobre isso, Simões (2006) afirma que há uma certa dificuldade na socialização entre os gêneros, já que cada criança leva para a escola uma história de vida singular de um “menino” e de uma “menina”, com diferentes condições de formação: classe social, tipo de educação familiar, contexto sócio-cultural distinto, entre outros. Dessa forma, a Educação Física poderia funcionar como espaço para que essa socialização se desse de maneira menos demarcada.

Às vezes, entretanto, essa separação é necessária, principalmente nessa idade, quando as crianças estão conhecendo seu próprio corpo e aprendendo a lidar com as limitações e possibilidades, que lhes são próprios da idade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão acerca da atuação profissional de Renata, que ultrapassa as exposições feitas neste trabalho, só foi possível graças à sua abertura para a pesquisa acadêmica. Somente esse ponto já poderia ser motivo para afirmarmos um compromisso com o seu trabalho, compreendendo que a teoria e a prática estão sempre atreladas.

A prática docente de Renata como professora de Educação Física se mostrou interessante, embora ela não tenha formação acadêmica específica na área. Entretanto, percebeu-se uma repetição no conteúdo didático abordado durante as observações realizadas. Um repertório de conteúdos mais amplo talvez possibilitasse uma maior qualificação em sua docência. A ampliação desse repertório poderia ser conseguida por meio de uma formação continuada nesta área de atuação específica que lhe permitisse aliar a teoria com a prática docente. Neste trabalho, no entanto, não pretendi trazer as problematizações acerca dos limites das ações de Renata, mas sim mostrar um pouco de sua prática para que pudéssemos conhecer o ensino de Educação Física nessa escola por uma “professora referência”.

A partir das observações realizadas, pude perceber que Renata considera as crianças como sujeitos criativos e inseridos na sociedade, que têm o direito a uma educação formadora completa, o que inclui vivências corporais e culturais, que visem qualificar suas experiências com o corpo e suas relações sociais. Dessa forma, de acordo com José Alfredo Debortoli (2004), cabe apontar a Educação Física como uma das disciplinas curriculares responsáveis por promover essa inserção e manutenção das crianças nesse meio de práticas corporais, permitindo a elas uma possibilidade de reflexão sobre o corpo como forma de se comunicar com o mundo.

Acredito que este trabalho permite ampliar a compreensão acerca das práticas docentes em Educação Física que vêm sendo realizadas por professores sem formação superior nessa área.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli E. D. A. de. Etnografia da Prática Escolar. Campinas: Papirus, 14ª ed. 2008.

BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. Cadernos Cedes, ano XIX, nº 48, Agosto/99.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física/Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1997.

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do ensino da Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.

CORRÊA, D. M. Avaliação de políticas públicas para a redução da violência escolar em Minas Gerais: o caso do projeto Escola Viva, Comunidade Ativa. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: FAE/UFMG, 2007.

DARIDO, S. C. (org.) A educação física, a formação do cidadão e os parâmetros curriculares nacionais. Revista Paulista de Educação Física, São Paulo, v.15, n.1, p.17-32, 2001.

DEBORTOLI, J. A. O. Infâncias na creche: corpo e memória nas práticas e nos discursos da educação infantil – um estudo de caso em Belo Horizonte. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: PUC, 2004.

DEVIDE, F. P. Educação Física Escolar no primeiro segmento do Ensino Fundamental: Contribuições para um Debate. Revista Motrivivência, n.19 Florianópolis, 2002.

DUPRAT, R. M. e BORTOLETO, M. A. C. Educação física escolar: pedagogia e didática das atividades circenses. Revista Brasileira das Ciências dos Esportes, Campinas, v. 28, n. 2, p. 171-189, janeiro/2007.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

GALLARDO, J. S. P. (Org.). Educação física escolar: do berçário ao ensino médio. Rio de Janeiro: Lucema, 2003.

LUCKESI, C. C. Filosofia da Educação. São Paulo: Cortez, 2001.

MORAES, M. F. (org.) O corpo humano enquanto corpo social: O ensino de fisiologia humana sob a perspectiva histórica e filosófica como mediadores para a compreensão da inserção da ciência e da tecnologia na sociedade. I Simpósio Nacional de Ensino de Ciência e Tecnologia. Paraná: UTFPR, 2009.

REVEL, J. Microanálise e construção do social. In: REVEL, J. (org.). Jogos de escalas: A Experiência da Microanálise. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

SIMÕES, R. D. Gênero e Educação Física: Um olhar sobre a produção teórica brasileira. São Paulo: USP, 2006.

SMED, Secretaria Municipal de Educação. Desafios da Formação – Proposições Curriculares: Ensino Fundamental 1º Ciclo da RME-BH. Prefeitura Municipal de Belo Horizonte: SMED, 2009.

_____, Secretaria Municipal de Educação. Referenciais Curriculares: Educação Básica: Escola Plural. Belo Horizonte: SMED, 2003.

VAGO, T. M. Das Escrituras à Escola Pública: a Educação Física nas séries iniciais do 1º grau. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG, 1993.

_____. T. M. O “esporte na escola” e o “esporte da escola”: da negação radical para uma relação de tensão permanente – Um diálogo com Valter Bracht. Revista Movimento, Ano III, n. 5, 1996.

APÊNDICE

Fotografias da EMBH

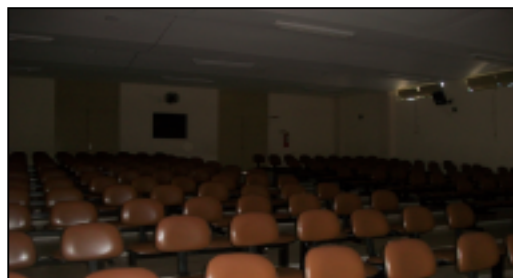
Pátios da Escola



Projeto Escola Aberta



Teatro de Arena e Auditório



Quadra de Vôlei/Peteca



Parquinho





Laboratório de Informática e Refeitório



Biblioteca





Biblioteca Infantil

